



DOSSIÊ



A destruição da Líbia e a questão dos migrantes e refugiados

Angela LANO, *Universidade Federal da Bahia*

Em 2011, uma coalizão de 40 países ocidentais e árabes, juntamente com a OTAN, desencadeou a guerra contra a Líbia, motivada por interesses atribuíveis às políticas neocoloniais na África e no Oriente Médio, mas justificada pela defesa dos direitos humanos do povo líbio (UNITED, 2005), supostamente ameaçado pelo regime de Gaddafi. Desenvolvimentos posteriores estão provando que tais ameaças eram superestimadas, como relatórios e pesquisas internacionais estão mostrando; contudo o resultado é a destruição de um país soberano, seu empobrecimento, a guerra entre milícias e o caos político e social, e uma onda de imigração de massa da Líbia para a Europa. Trata-se seja de trabalhadores da África subsaariana que sob o regime de Gaddafi levavam uma vida digna, com trabalho, casa, assistência social e sanitária, seja de imigrantes que chegam na Líbia a partir de outros Estados africanos e acabam caindo nas redes de tráfico de seres humanos, gerenciadas por milícias líbias e de outros países árabes, máfias locais e internacionais. O artigo analisa esse fenômeno migratório, em relação à situação na Líbia, tentando destacar suas causas e propósitos, e o uso e a exploração pelas indústrias europeias, e mais em geral pelo sistema econômico capitalista neoliberal.

PALAVRAS-CHAVE: Líbia. Migração. Guerra. Colonialismo. Redes de Tráfico de Seres Humanos.



A destruição da Líbia realizada pela coalizão de 40 países ocidentais (liderada por EUA, França e Grã-Bretanha) e muçulmanos (Turquia, Estados Árabes do Golfo, Marrocos), em colaboração com formações e movimentos radicais islâmicos (Irmandade Muçulmana e milícias de *al-Qa'ida*), e a derrubada do regime do coronel Muammar al-Gaddafi, trouxe consequências desastrosas para o povo líbio e para a estabilidade dos países da África do Norte e Subsaariana. Os grupos jihadistas¹, fortemente armados, financiados e treinados por EUA, Europa e Qatar (SYRIA, 2011; WIKILEAKS, [201-]; ALTERMAN, 2011; MORAN, 1998; BLOG, 2012; NETWORK, 2010; DURDEN, 2016; MCKKERNAN, 2016; CHOSSUDOVSKY, 2008; WATCH, 2014; TODENHÖFER, 2016; BLACK, 2016; NAZEMROAYA, 2006), tiveram, e continuam tendo, livre acesso da Líbia a vários países africanos – Chade, Níger, Mali, etc. –, e à Síria, onde realizam atividades terroristas,

¹ Jihadistas são aqueles que fazem o *jihâd*, no sentido de luta militar, guerra ou terrorismo. Em particular, trata-se de militantes de grupos radicais violentos. O termo origina de *jihâd*, da raiz *JHD* e tem o significado de esforço, compromisso, luta interior, aplicação com zelo. Faz parte dos atos de culto ou adoração, *ibâdât*, e está sujeito a diferentes interpretações, dependendo das correntes islâmicas. Na maioria dos casos é traduzido no Ocidente como “guerra santa”, mas é uma generalização pouco correta. *Al-jihâd fi sabîl Allâh* é o esforço/luta no caminho de Deus, um “esforço sagrado”. O Islã faz a distinção entre dois tipos de *jihâd*: 1) o “grande *jihâd*”, contra as paixões, contra a alma que se perde (*nafs ammâra bi-s-sû'*: o Ego que se dirige para o mal, ou ordena o mal), é o esforço no caminho do bem, social ou pessoal; é a perseverança na fé e durante as adversidades da vida. 2) O *jihâd* menor, “o pequeno *jihâd*” (*jihâd al-asġaru*): o esforço militar defensivo que deve ser feito com as armas para a defesa da comunidade, a *ummah*, o *Dâr al-Islâ*, o território do Islã, quando é ameaçado por inimigos. Isto não tem nada a ver com a guerra indiscriminada, com genocídio de populações, torturas, cadáveres despedaçados, órgãos internos comidos, estupros, etc., práticas proibidas na tradição islâmica. *Jihâd* enquanto um esforço militar é um conceito que se presta a diferentes interpretações e utilizações, dependendo das escolas legais e atuais. Para o Islã, historicamente, a guerra ofensiva/defensiva é um meio, uma “revolução”, para garantir o governo da *sharî'a* contra a arbitrariedade e a soberania humana. Em particular, para certas correntes de radicalismo islâmico, a guerra ofensiva é um ato revolucionário, uma ação para restaurar a justiça; é uma luta contra o status quo e para garantir o governo de Deus. Quem morre fazendo o *jihâd* é um mártir e vai para o céu. A guerra na história do Islã tem sido um instrumento de conquista, muitas vezes utilizado em conjunto com a penetração comercial e o proselitismo (em particular na África). No *jihâd* tudo está sujeito a regras: o tratamento de prisioneiros, a divisão dos despojos tomados aos inimigos, etc., e o *jihâd* interior deve ter precedência sobre o exterior, mesmo quando este está em andamento, a fim de evitar a brutalidade, as ações injustas, etc. Devido à degeneração causada por uma prática política - que os tradicionalistas consideram não-islâmica-, de vários movimentos radicais violentos, o conceito de “pequeno *jihâd*” torna-se uma prioridade e é transformado em *jihâd tout court*, como é bem explicado nas declarações do *Dâ'ish*. Os salafistas tornaram o *jihâd* (no sentido de guerra ofensiva) uma obrigação do indivíduo, *fard al-'Ayn*, que se impõe a cada um em todos os momentos, enquanto, em vez, a tradição sempre o considerou uma responsabilidade coletiva, *fard al-kifaya*, limitadas no tempo e no espaço e em situações de ameaças externas à *Dâr al-Islâm*, a Casa do Islã.



desestabilização geopolítica e crime, como os tráficos de drogas e de seres humanos.

São muitos os grupos, envolvidos nesses tráficos (DIPLOMATIQUE, 2015) – os migrantes africanos, que a milhares, a cada semana, chegam ao mar da Sicília, pagando um alto preço em termo de vidas humanas e econômico.

A “Caixa de Pandora”

A onda de migração dos últimos anos é extraordinária em comparação aos fluxos antes da assim chamada Primavera Árabe, ou seja, antes de 2011, e move massas de pessoas de um continente para o outro, causando milhares de vítimas e gerando bilhões de dólares às organizações criminosas internacionais. Em paralelo, isso cria, lentamente, uma “outra Europa”, com outras populações, exércitos de trabalhadores a baixo custo e sem direitos, para serem utilizados nas indústrias ocidentais globalizadas e na agricultura.

A maioria dos refugiados dos últimos anos vem de países destruídos pelas guerras predatórias e pelo neocolonialismo ocidental (EUA, Canadá, Grã-Bretanha, França, Itália, etc.) e oriental (Turquia, Israel, Qatar, Arábia Saudita) em geral. Iraque, Líbia, Síria, Palestina, Afeganistão, Paquistão, Somália, Eritreia, Etiópia e Sudão são entre os países mais afetados (SANCHEZ, 2015; ZUESSE, 2015).

Muitos fogem também do Estado Islâmico do Iraque e da Síria (*IS/ISIS*, em inglês, *Daesh*, em árabe), nascido no seio da doutrina *salafita wahhabita*² da Arábia Saudita (país aliado do Ocidente), e por ele apoiado e financiado³.

2 *Salafita*, de *Salaf*, plur. aslaf: “piedos ancestrais”, os primeiros fiéis da recém-nascida comunidade muçulmana. Trata-se de três grupos geracionais: os *Şahâbi* (companheiros de Muḥammad), os *Tâbi'ûn* (os seguidores, ou seja, a geração após a do Profeta); os *Tâbi' al-Tâbi'yyîn* (aqueles que vierem depois dos seguidores). As três são consideradas “modelos”, em particular pelos salafistas. Daqui, Salafiyya ou salafismo: uma escola de pensamento do islamismo sunita que remonta às três primeiras gerações. O salafismo é uma doutrina radical reformista, que via na volta à pureza das origens, aos fundamentos da fé, aos primeiros seguidores do profeta Muḥammad, o verdadeiro Islã. Wahhabismo é um movimento árabe de renovação política e religiosa, cujo objetivo é organizar um estado conforme aos princípios de direito público, num momento em que o Império Otomano² estava se fragilizando.

3 Veja-se nota 1.



As mesmas imagens comoventes de milhares de pessoas que atravessam as fronteiras a pé, de náufragos ou de crianças mortas nos bombardeios (muitas vezes atribuídos, deliberadamente de modo errado, aos inimigos da coalizão neocolonial, ou seja, à Síria e a Rússia), são usadas instrumentalmente para criar um consentimento (*Manufacturing the Consent*, expressão de Noam Chomsky) para novas invasões e conflitos (REUTERS, 2015; LAZARE, 2015; QUOTIDIANO, 2015).

Refugiados e imigrantes⁴ são vítimas de um grande *business* que vai do tráfico de seres humanos recrutados nas aldeias e nas cidades de vários Estados africanos⁵, à organização de viagens em barcos perigosos, cruzando o Mediterrâneo, rumo à Europa.

Quem lucra são grupos jihadistas islâmicos (na Líbia, no Mali e em diversas outras regiões africanas), organizações criminosas e mafiosas locais e internacionais, e até políticos e representantes de governos (RAME, 2015), organizações de caridade, etc.: fundos consideráveis são atribuídos pela União Europeia aos Estados e, daqui, para municípios, cooperativas, etc., para a gestão do acolhimento. Em suma, uma multiplicidade de realidades – tanto legais como ilegais –, e, em cima de tudo, muitas empresas industriais europeias, lucram sobre imigrantes e refugiados.

De fato, para o mercado de trabalho (INTERNAZIONALE, 2016) o migrante representa uma mão de obra desesperada e barata nos âmbitos agrícolas, comercial e industrial: trata-se, muitas vezes, de novas formas de trabalho semiescravo, em condições desumanas e precárias (KAYE, 2011).

Tanto no Norte quanto no Sul da Itália, em muitos campos agrícolas trabalham cidadãos de vários países africanos, mal pagos, que

4 Refugiados e migrantes, a diferença: os refugiados são especificamente definidos e protegidos no direito internacional. Refugiados são pessoas que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de “proteção internacional”. “Migração” é comumente compreendida implicando um processo voluntário; por exemplo, alguém que cruza uma fronteira em busca de melhores oportunidades econômicas. Este não é o caso de refugiados, que não podem retornar às suas casas em segurança e, conseqüentemente, têm direito a proteções específicas no escopo do direito internacional (ONUBR, 2016).

5 Veja-se SYRIA, 2011; WIKILEAKS, [201-]; ALTERMAN, 2011; MORAN, 1998; BLOG, 2012; NETWORK, 2010; DURDEN, 2016; MCKKERNAN, 2016; CHOSSUDOVSKY, 2008; WATCH, 2014; TODENHÖFER, 2016; BLACK, 2016; NAZEMROAYA, 2006.



recolhem tomates, legumes e frutas para serem vendidas em nossos mercados a preço de saldo.

À noite, as avenidas das cidades estão repletas de mulheres negras muito jovens, vítimas de tráfico sexual. É a última etapa da exploração sem fim de povos colonizados pelo Ocidente.

Fluxos internos e externos

De acordo com dados do Observatório para os Assuntos Internacionais do Governo Italiano (ZUPI; MAZZALI; HASSAN, 2012), são dois os fenômenos que afetam a região do Mediterrâneo no âmbito da migração: 1) o aumento sem precedentes da migração interna para os países do Norte de África – pessoas vindas principalmente da África subsaariana – que se estabeleceram antes de 2010 nos países do Norte de África, especialmente na Líbia; 2) os fluxos irregulares de trânsito da África do Norte, via mar, para o sul da Europa, em particular as costas do sul da Itália.

O Sul do Mediterrâneo continua representando uma das áreas politicamente mais instáveis. A época de mudança política que começou em 2010 com os protestos na Tunísia, mudou radicalmente o perfil da região [...]. Em todos os países afetados pela mudança política, as profundas transformações têm sido acompanhadas por uma diminuição do controle institucional sobre os processos sociais e econômicos que se reflete, entre outras coisas, sobre os movimentos migratórios regionais (KAYE, 2011, p. 55, tradução nossa).

A situação de caos e conflito na Líbia produziu e continua produzindo grandes fluxos internos aos países africanos que afetam tanto grandes segmentos da população nativa, quanto as comunidades de imigrantes - a maioria chegando da África subsaariana – estabelecidas na Líbia antes da queda de Gaddafi.

A falta de um governo reconhecido e estável e com o controle do território, causada pela queda do regime líbio, desencadeou, entre os muitos efeitos devastadores, um aumento de fluxos de migrações para o sul da Europa.

O início do conflito na Líbia, em fevereiro de 2011, gerou imediatamente um movimento massivo de população civil, em particular das áreas onde tem havido uma “limpeza étnica” contra os numerosos



apoiadores de Gaddafi, contra os líbios negros e contra os imigrantes da África subsaariana⁶.

Impressionante é o caso da cidade de Tawargha (INVESTIGATIONS, 2011a, 2011b, 2011c, 2011d; AMNESTYFRANCE, 2012; AFRIQUE, 2011; TAWERGHA, 2012; NEWS, 2011; CARTALUCCI, 2012; BLOG 2011; MIND, [20--]), povoada principalmente por líbios negros, com 30.000 pessoas deslocadas. Dramática é também a situação de Sirte⁷, completamente destruída pelo bombardeio da OTAN e pelos ataques dos jihadistas.

De acordo com dados produzidos em 2012 pelo Alto Comissariado da Agência de Refugiados das Nações Unidas (UNHCR), a guerra da OTAN e a guerra civil causaram a expatriação de 660,000 cidadãos líbios e 550,000 refugiados internos no país (*Internal Displaced Persons-IDPs*), um total de cerca 10 por cento da população líbia.

A estes dados podemos adicionar uma boa parte dos 2,5 milhões de imigrantes que, de acordo com estimativas do ACNUR, estavam presentes na Líbia no início de 2011 e que deixaram o país no estágio inicial do conflito.

De acordo com dados da Organização Internacional das Migrações (OIM), em 2011, 796,915 imigrantes saíram da Líbia, dirigindo-se principalmente para a Tunísia e Egito, que receberam respectivamente 345,238 e 263,554 "imigrantes de retorno" (cidadãos egípcios e tunisianos) e imigrantes de países terceiros (*Third Country Nationals-TCNs*) (ZUPI; MAZZALI; HASSAN, 2012).

Entre os migrantes fugidos entre 2011 e 2012, 55 por cento consiste de regressados aos países de origem: 173,873 egípcios, 136.749 tunisianos, 79,015 nigerinos, 50,874 chadianos, 1.666 argelinos. Os restantes 318,007 registrados nos países vizinhos pertencem a 120 países diferentes.

6 Há depoimentos em vídeo, artigos e livros – entre os outros, *Slouching towards Sirte, NATO's war on Libya and Africa*, por Maximillian Forte – sobre a violência e brutalidade de grupos e milícias jihadistas seja líbias seja estrangeiras contras negros líbios e imigrantes.

7 Sirte era a “capital” dos projetos e das políticas Pan-Africanas e da União Africana de Gaddafi, ou seja, de uma colaboração generalizada e ampla entre os Estados africanos liderada pela Líbia. Projetos e políticas que preocupavam muito tanto os EUA quanto a Grã-Bretanha e a França, e precisavam ser derrubadas.



Quase 90 por cento de cerca 215,000 migrantes que foram assistidos por organizações internacionais eram de seis países africanos (incluindo três na fronteira com a Líbia) e do Bangladesh.

O Chad, com 30 por cento do total, é o país com o maior número de refugiados repatriados após serem recebidos por outro país vizinho. Seguem Bangladesh (15%), Egito (14%), Níger (12%), Sudão (9%) e Gana (6%).

A atual situação interna na Líbia continua crítica no que diz respeito ao problema dos refugiados e migrantes em geral. No final de 2012, o país ainda havia um número significativo de pessoas deslocadas internamente (PDI), estimado pelo ACNUR em 93,565, enquanto 45,8047 voltaram às suas áreas de origem.

É lógico pensar que uma parte dessas pessoas tentou deixar a Líbia para a Europa. A situação dos migrantes nesse país é agravada pelo clima de violência gerada pelo conflito, instabilidade, incerteza institucional e a conseguinte falta do controle do território.

Imigrantes africanos ainda estão sujeitos a violações dos direitos humanos e ataques de xenofobia, que são causados seja pelas tendências racistas dos árabes para com os negros em geral, seja pela ideia, espalhada pela propaganda anti-Gaddafi⁸, segundo a qual os africanos subsaarianos presentes na Líbia eram mercenários contratados para lutar contra a insurgência. Em particular, o NTC (*National Transitional Council*, governo *ad interim*), demonstrou uma forte linha anti-africana. “O racismo anti-negros tornou-se a política do novo regime do NTC” (FORTE, 2012, p. 139).

Massacres de trabalhadores imigrantes negros, injustamente acusados de serem mercenários, foram registrados em várias ocasiões desde a eclosão da revolta e após a queda de Gaddafi, até nossos dias⁹.

Todos os imigrantes subsaarianos que entrevistei em agosto de 2015, em Catania, Sicília, e vindos da Líbia, contaram histórias de tortura, prisão e perseguição pelas milícias anti-Gaddafi ao poder em vários locais da Líbia¹⁰.

8 Este tipo de propaganda é muito presente no livro: *Soldier for a summer* de Sam Najjair. Najjair é um dos milhares de cidadãos Árabe-ocidentais que se tornaram jihadistas.

9 Veja-se a nota 6 e ZUPI; MAZZALI; HASSAN, 2012.

10 Veja-se o capítulo “Os testemunhos dos prófugos da África subsaariana vindos da Líbia”.



Muitos refugiados, especialmente cidadãos líbios, encontraram abrigo e ajuda da população da Tunísia, que tem sido muito acolhedora e solidária, mesmo que isso tem agravado uma situação social e econômica já precária.

Conforme relatado pelo ACNUR, os migrantes, especialmente subsaarianos continuam a chegar da Líbia para a Tunísia, seja pelo clima xenófobo acima mencionado que persiste em muitas áreas do país, seja pela perspectiva de conseguir chegar à Europa a partir desse país.

Da mesma forma, o Egito, a partir de fevereiro de 2011, se deparou com o retorno em massa de trabalhadores egípcios da Líbia, bem como imigrantes de outros países africanos e do Oriente Médio que procuraram refúgio das guerras ou outras causas.

De acordo com dados produzidos pela OIM, entre 22 e 25 de fevereiro de 2011 cerca de 46,700 egípcios cruzaram a fronteira rumo Salloum, uma pequena cidade na costa a cerca de 500 km, chegando de Benghazi, onde começaram os confrontos. De Salloum passa a maior parte dos refugiados que fogem da Líbia para o Egito.

Antes da revolta e da guerra da OTAN, a comunidade egípcia, com cerca de um milhão de pessoas, era a principal realidade nacional entre os imigrantes na Líbia.

A maioria dos migrantes que retornam da Líbia é composta por homens entre 20 e 30 anos de idade, com formação ao nível de ensino médio, empregados na construção.

Este regresso em pátria teve um efeito dramático nas dinâmicas econômicas: o fluxo de remessas era elevado e estável, mas com o retorno da maior parte da comunidade emigrante na Líbia, esses recursos financeiros foram interrompidos, aumentando a massa da população jovem desocupadas. Tudo isso levou a um aumento dos novos fluxos migratórios para a Europa.

Os dados sobre a evolução dos movimentos nas principais rotas do norte da África para a Europa

As perturbações (conflitos) políticas e sociais nos últimos cinco anos na África do Norte, a retomada plena das atividades coloniais



ocidentais (e turco-árabe), criaram instabilidade, conflitos, caos e uma situação difícil a ser resolvida, particularmente na Líbia.

Como já foi evidenciado acima, isso tem como efeito, entre outras coisas, um êxodo em massa para a Europa.

A Itália é o principal terminal da “Rota do Mediterrâneo Central” utilizado pelos fluxos de migração da África: mais de 300 mil refugiados e migrantes cruzaram o Mediterrâneo em 2016, de acordo com os números divulgados pela Agência da ONU para os Refugiados – ACNUR.

Os dois principais países de chegada são Grécia e Itália, por causa das suas conformações geográficas. Em 2016, 130,411 refugiados e migrantes chegaram pelo Mediterrâneo; nos primeiros nove meses de 2015 foram 132,071.

A maior parte das pessoas que chega à Grécia vem da Síria (48%) e do Afeganistão (25%), mas há também um grande fluxo de cidadãos do Iraque e Paquistão. Os que chegam na Itália vêm principalmente da África (Nigéria 20%, Eritreia de 12%, Gâmbia, Guiné, Sudão e Costa do Marfim, 7% cada, e Libéria, Gana, Mali, Níger, Burkina Faso, Congo, Senegal, Somália, Bangladesh, Paquistão) (ACNUR, 2016).

Migração global e novos escravos

No livro *Migrazione globale. La tratta degli schiavi*, Jaffrey Kaye destaca a estreita relação entre o mercado internacional, as corporações e a migração:

Em um mercado internacional, a mobilidade do ser humano é uma parte do sistema econômico, tão importante quanto as empresas nômades, que viajam no mundo em busca de custos mais baixos, alianças estratégicas e acordos de comércio, exportação e importação, industrialização e troca de moeda (KAYE, 2011, p. 57, tradução nossa).

Na mesma linha encontra-se a análise de um filósofo italiano, Diego Fusaro:

O pensamento único “ultracapitalista” e globalizado procura legitimar e produzir o novo modelo antropológico do migrante como um valor positivo em si e faz isso para justificar o existente, uma vez que os mesmos jovens europeus estão cada vez mais se tornando migrantes que precisam deixar seu país para trabalhar, talvez formados, como lava-louças em Nova York ou em Sydney.



A competição global do fanatismo econômico de hoje baseia-se na volatilização dos capitais e no deslocamento do trabalho. Portanto, também na migração forçada de seres humanos (...). Nesse contexto, as duas variantes do pensamento único são o elogio incondicional e a priori da imigração e a idiotice da xenofobia contra os imigrantes. Na sua lógica geral, a imigração está agora estruturalmente promovida pelo capital e defendida pela “retórica do migrante” própria do pensamento único.

O atual reino animal do espírito necessita do “exército de reserva” (Marx) dos migrantes para destruir os direitos sociais ainda existentes, para acabar com a força organizacional resídua dos trabalhadores e reduzir drasticamente os custos do trabalho (FUSARO, 2015, s/p, tradução nossa).

Daqui chega-se a legitimar a de-territorialização, ou seja, a remoção de todos os limites à dominação absoluta do capital. Na verdade, o objetivo do mercado não é garantir aos migrantes o estatuto de cidadãos, mas privar todos os cidadãos dos direitos e impedir que eles se oponham aos abusos das corporações locais e internacionais e às leis promulgadas pelos governos em suporte dos *lobbies* e do capitalismo neoliberal. Portanto, este tipo de migração de massa coloca-se nos padrões do modelo de hegemonia capitalista e de domínio e exploração dos trabalhadores e dos seres humanos¹¹. Representa um dos instrumentos dos dominantes na luta de classe. Dessa forma,

alimentando o tráfico de seres humanos reduzidos a bens e interesses patronais, o exército de reserva de trabalhadores migrantes é um enorme recurso de mão de obra barata, e permite reduzir drasticamente os salários dos trabalhadores, quebrar a unidade - se é que ainda existe - no movimento operário e, mais uma vez, permite aos capitalistas fugirem das crescentes obrigações legais do direito do trabalho (FUSARO, 2015, s/p, tradução nossa)

A causa da miséria e do desespero, das enormes dívidas contraídas para chegar na Europa, os imigrantes são forçados a aceitar qualquer condição de trabalho, em concorrência na exploração do mercado do trabalho com a mão de obra local. Eles se tornam os novos escravos nos campos agrícolas, nas indústrias, no comércio, ou vítimas de exploração da prostituição ou do tráfico de drogas.

11 “A economia italiana precisa de 150.000 imigrantes por ano” (INTERNAZIONALE, 2015, s/p, tradução nossa).



Os testemunhos dos prófugos da África subsaariana vindos da Líbia

Catania, agosto de 2015. De manhã cedo vamos para uma rua perto da estação ferroviária, onde encontram-se estacionados vários carros de imigrantes subsaarianos. São taxistas abusivos que transportam os refugiados hospedados no Cara – Centro de Acolhimento de Requisitantes Asilo (*Centro di Accoglienza Richiedenti Asilo*, em italiano) – de Mineo em Catania, para despesas e outras tarefas diárias. Depois de ter contratado o valor da passagem, subimos a bordo de um velho veículo, cheio de pessoas.

Mineo encontra-se a uma hora de viagem de Catania, e o autista, Amin, um senegalês de 42 anos, conta-nos que às vezes são parados pela polícia por excesso de passageiros... Quanto ao resto, ninguém diz nada. São três anos que faz aquele trabalho e começa a estar cansado: riscos demais por conta dos carros acabados, e o ganho é mínimo. São muitas pessoas a contender-se as viagens de e para o Cara: 18 carros que trabalham desde a manhã até à noite. Os taxistas são prevalentemente nigerianos, líbicos e senegaleses.

O Cara é montado na ex-vila residencial dos soldados estadunidenses em Sigonella: uma área ampla no “deserto” catanense, a 10 km de distância de Mineo, fechada por um arame farpado e vigiada pelo exército e pela polícia. Entrada e saída são somente com as autorizações. Enquanto esperamos para entrar, vários rapazes saem para ir a Catania ou aos campos agrícolas ali perto. A permanência no campo deveria ser de cerca seis meses – na espera do processo de status de refugiado -, mas muitos permanecem por um ano ou mais.

Os requisitantes de asilo no Cara chegam de Nigéria, Gambia, Mali, Senegal, Paquistão, Bangladesh, Gana, Costa do Marfim, Guiné-Bissau, Somália, Serra Leoa, Níger, Egito, Líbia, Eritreia e outros países. Alguns migrantes, todavia, não conseguirão jamais o status de prófugo, pois, de fato, eles não chegam de um país em guerra e não podem demonstrar de estar sendo perseguidos.

O campo é constituído por várias casas em fileiras, em avenidas paralelas, além de outras estruturas para refeitório, mesquita e igreja, laboratórios, escritórios, escolas, ambulatórios, lavandarias, etc. É organizado com um exército de operadores: 400 entre mediadores,



assistentes sociais, médicos, psicólogos, advogados, funcionários para refeitório e limpezas, etc.

Recebe-nos o diretor do centro, Sebastiano Maccarrone, que nos explica como muitos dos hóspedes haviam deixado o próprio país para achar trabalho na Líbia e que haviam se inserido bem, seja no nível profissional que no social, nos anos precedentes à “primavera líbia” que derrubou o regime de Muammar Gaddafi. Entretanto, com a explosão da revolta começaram os problemas: perseguições por conta da cor da pele, trabalho forçado e sem salário, violências, prisões, estupros.

Em 2011, milhares fugiram rumo ao litoral italiano, procurando serem salvos das agressões sistemáticas dos bandos de criminosos de várias facções: era a “emergência África do Norte”. Uma imigração de massa extraordinária e previsível, tendo em vista a guerra civil na Líbia.

À emergência dos trabalhadores imigrados na Líbia que fugiam da guerra e das perseguições segue, nos meses e nos anos sucessivos, e até hoje, uma outra forma de fuga: aquela das vítimas do trabalho escravo. São pessoas que após terem sido utilizadas como mão de obra gratuita, ou seja, obrigadas a trabalhar nos campos, nas casas, nas empresas, por exploradores líbios, são forçados a deixar o País através do tráfico dos navios. Também há outros que transitando no país à procura de um trabalho ou para tentar a sorte na Europa, acabaram nas mãos de quadrilhas armadas, pelas quais foram capturados, espancados, explorados, violentados e depois embarcados por preços altíssimos.

“Chegam todos do caos líbico” – evidencia Maccarrone.

O problema com a Líbia é que falta um governo central com o qual fazer acordos. Os migrantes partem de vários portos. A verdadeira questão é política e é internacional: é preciso que os responsáveis do colonialismo na África – principalmente a França, Grã-Bretanha e EUA – tomem conta dessa situação dramática” – continua (MACCARRONE).

O diretor nos faz acompanhar pelo campo por uma mediadora, uma jovem marroquina poliglota. São terríveis as histórias que os refugiados nos contam sobre as condições de tratamento na Líbia: descrições detalhadas sobre as novas escravidões, permitidas pelo caos sócio-político na qual a Líbia caiu no “pós-primavera”. Um país sem um governo central – aquele de Trípoli, guiado por el-Serraj, e nomeado pelas potências neocolonialistas, não é reconhecido pela população – e com milícias armadas em todo lugar, inclusive do Estado Islâmico.



As histórias sobre as mulheres são terríveis: os contos são de jovens provenientes de vários países da África subsaariana que, encontradas transitando na Líbia, são estupradas pelas gangues criminosas ou levadas para as casas de ricos e abusadas. Rapazes e homens são submetidos a todo tipo de abuso e violência nas prisões, as quais são limpas periodicamente colocando-os em barcos para morrer em mar.

Jean Batiste tem 22 anos e vem da Costa do Marfim: é um dos sobreviventes do naufrágio de abril de 2015, que matou 800 pessoas.

Viajei de Trípoli até a Itália em um barco. Tinha deixado o meu país no início de 2014 à procura de um trabalho na Líbia. Sabia que sob o governo do Gaddafi os trabalhadores imigrantes eram bem pagos, mas naquele momento a situação era diferente e eu acabei na prisão, capturado na estrada por milícias armadas. Não sei dizer se foram policiais, militares ou bandos de criminosos. Na prisão sofri violências e maus-tratos. Há racismo contra os africanos pretos. Sofrem muito na Líbia. Não são considerados como seres humanos (BATISTE).

Khalifa, 25 anos, é um muçulmano de Gao, Mali. Chegou à Sicília com Jean Batiste, em abril.

Deixei o Mali em 2010 e cheguei na Argélia, onde morei até 2012, quando fui para a Líbia e achei um trabalho. Estava com meu irmão. Estávamos bem, trabalhávamos para um chefe líbico honesto. Infelizmente foi assassinado por um grupo armado e procurei outro trabalho. E assim começaram os meus problemas: o novo chefe não me pagava e quando comecei a me lamentar, entregou-me para uma quadrilha de criminosos, traficantes, os quais me exploraram. Acabei na prisão, onde eu era espancado todos os dias. Os guardas nos falavam: 'Não há bastantes cemitérios na Líbia, far-vos-emos morrer em mar'. Obrigaram-nos a subir em um barco meio destruído, que afundou com 800 pessoas a bordo. Somente 28 sobreviveram. Meu irmão e todos os meus amigos morreram afogados no Mediterrâneo (KHALIFA).

Nesse ponto, Khalifa interrompe sua história e cai em prantos.

As histórias dos refugiados são semelhantes entre si: longos percursos no deserto para chegar à Líbia, ou para trabalhar ou se embarcar rumo à Europa; maus-tratos, exploração, violências, tráfico de seres humanos são as experiências compartilhadas. São tão semelhantes que, a um certo ponto, até aparece a dúvida de que eles tenham decorado um roteiro para conseguir convencer quem os acolhe na Itália a cuidar



deles e começar o pedido de asilo. Perguntamos, portanto, a psicólogos, assistentes sociais e advogados para confirmar as histórias ouvidas, e eles também nos falam sobre violência, racismo, estupros, falta de comida e água, formas de trabalho escravo e viagens forçados nos barcos.

O mesmo esquema de experiências é contado por uma médica, a doutora Maria Pia Branzino, que trabalha em um centro de acolhimento de migrantes, SERMIG, em Turim, no norte da Itália, que encontramos em setembro do mesmo ano.

“São três anos e meio” (no final do 2011) – conta-nos uma assistente social do Cara –

que ouvimos histórias terríveis. Inclusive de trabalhadores que antes estavam bem e em seguida foram para os ‘trabalhos forçados’ durante um período e depois foram mandados embora. São explorados durante meses e quando já não servem mais, são postos no mar, rumo à Europa. É um exercício de poder sobre migrantes frágeis. Alguns são libertados da prisão para trabalhar gratuitamente. Desde a queda do regime líbico começou este caos. Gaddafi representava uma garantia de estabilidade no Mediterrâneo (ASSISTENTE SOCIAL).

Referências Bibliográficas

ACNUR. *Mais de 300 mil refugiados e migrantes cruzaram o Mediterrâneo em 2016*. 2016. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/mais-de-300-mil-refugiados-e-migrantes-cruzaram-o-mediterraneo-em-2016/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

AFRIQUE, Nerrati. *LA VIE DES NOIRS LIBYENS OU LA TRIBU DES TAWARGHA DANS UN CAMP DE RÉFUGIÉS (18 OCTOBRE 2011)*. flv. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KVc6vXHPH5c>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

ALTERMAN, Eric. *‘Blowback,’ the Prequel*. 2011. Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/blowback-prequel/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

AMNESTYFRANCE. *30 000 personnes déplacées de Tawargha - Libye*. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hc2bVguE8I8>>. Acesso em: 07 jan. 2019.



BLACK, Crofton; FIELDING-SMITH, Abigail. *Fake News and False Flags: How the Pentagon paid a British PR firm \$500 million for top secret Iraq propaganda*. 2016. Disponível em: <<http://labs.thebureauinvestigates.com/fake-news-and-false-flags/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

BLOG, Midiacrucis's. *Tawargha, cidade negra, extermínio*. 2011. Disponível em: <<https://midiacrucis.wordpress.com/2011/11/01/tawargha-cidade-negra-extermínio/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

BLOG, Washington's. *Sleeping With the Devil: How U.S. and Saudi Backing of Al Qaeda Led to 9/11*. 2012. Disponível em: <<http://www.washingtonsblog.com/2012/09/sleeping-with-the-devil-how-u-s-and-saudi-backing-of-al-qaeda-led-to-911.html>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

CARTALUCCI, Tony. *NATO'S SLOW GENOCIDE IN LIBYA: SYRIA IS NEXT*. 2012. Disponível em: <<http://www.infowars.com/natos-slow-genocide-in-libya-syria-is-next/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

CHOSSUDOVSKY, Michel. *Al Qaeda and the "War on Terrorism"*. 2008. Disponível em: <<http://www.globalresearch.ca/al-qaeda-and-the-war-on-terrorism/7718>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

DIPLOMATIQUE, Le Monde. *Scongiurare la frammentazione in Mali*. 2015. Disponível em: <<https://www.monde-diplomatique.fr/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

DURDEN, Tyler. *Hillary Confirms Saudi Arabia, Qatar Fund ISIS In Leaked Email*. 2016. Disponível em: <<http://www.zerohedge.com/news/2016-10-11/hillary-confirms-saudi-arabia-qatar-are-funding-isis-leaked-email>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

FORTE, Maximillian. *Slouching towards Sirte: NATO's war on Libya and Africa*. Montréal: Baraka Books, 2012, 352 p.

FUSARO, Diego. *L'immigrazione è promossa dal capitale. Il nemico non è chi ha fame ma chi affama*. 2015. Disponível em: <<http://www.ilfattoquotidiano.it/2015/07/19/limmigrazione-e-promossa-dal-capitale-il-nemico-non-e-chi-ha-fame-ma-chi-affama/1887863/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.



INTERNAZIONALE. *L'economia italiana ha bisogno di 150mila nuovi immigrati all'anno*. 2016. Disponível em: <<http://www.internazionale.it/notizie/2016/10/10/italia-economia-immigrazione>>. Acesso em: 07 jan. 2019

INVESTIGATIONS, Human Rights. *Amnesty and racist rebel atrocities in Libya*. 2011a. Disponível em: <<https://humanrightsinvestigations.org/2011/08/31/amnesty-racist-rebel-atrocities-libya/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

INVESTIGATIONS, Human Rights. *Ethnic cleansing, genocide and the Tawargha*. 2011b. Disponível em: <<https://humanrightsinvestigations.org/2011/09/26/libya-ethnic-cleansing-tawargha-genocide/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

INVESTIGATIONS, Human Rights. *Libya – The Racist Revolution – Tawargha*. 2011c. Disponível em: <humanrightsinvestigations.org>. Acesso em: 07 jan. 2019.

INVESTIGATIONS, Human Rights. *Tawargha – the final solution*. 2011d. Disponível em: <<https://humanrightsinvestigations.org/2011/09/14/tawargha-the-final-solution/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

KAYE, Jeffrey. *Migrazione globale. La tratta degli schiavi: Chi governa l'immigrazione e perché?* [S.l.]: Arianna Editrice, 2011, p. 350.

LAZARE, Sarah. *Global Leaders Using Refugee Plight to Push Military Escalation*. 2015. Disponível em: <<http://www.commondreams.org/news/2015/09/09/global-leaders-using-refugee-plight-push-military-escalation>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

MCKKERNAN, Bethan. *Hillary Clinton emails leak: Wikileaks documents claim Democratic nominee 'thinks Saudi Arabia and Qatar fund Isis'*. 2016. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/politics/hillary-clinton-emails-leak-wikileaks-saudi-arabia-qatar-isis-podesta-latest-a7355466.html>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

MIND, Flickr Hive. *The world's best photos of tawargha*. [20--]. Disponível em: <<http://flickrhivemind.net/Tags/tawargha/Interesting>>. Acesso em: 07 jan. 2019.



MORAN, Michael. *Bin Laden comes home to roost: His CIA ties are only the beginning of a woeful story*. 1998. Disponível em: <http://www.nbcnews.com/id/3340101/#.V_1ElvnhDIV>. Acesso em: 07 jan. 2019.

NAJJAIR, Sam. *Soldier for a summer*. [S.l.]: Hachette Books Ireland, 2013, 320 p.

NAZEMROAYA, Mahdi Darius. *Plans for Redrawing the Middle East: The Project for a “New Middle East”*. 2006. Disponível em: <<http://www.globalresearch.ca/plans-for-redrawing-the-middle-east-the-project-for-a-new-middle-east/3882>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

NETWORK, The Real News. *Brzezinski and the Afghan War Pt2*. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RGjAsQJh7OM>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

NEWS, BBC. *Libya militia 'terrorises' pro-Gaddafi town of Tawargha*. 2011. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-15517894>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

ONUBR. *Qual a diferença entre ‘refugiados’ e ‘migrantes’?* 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/qual-a-diferenca-entre-refugiados-migrantes/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

QUOTIDIANO, Il Fatto. *Isis, la Francia: “Nelle prossime settimane raid in Siria”. Assad: “Coalizione inefficace contro l'avanzata dei jihadisti”*. 2015. Disponível em: <<https://www.ilfattoquotidiano.it/2015/09/16/isis-la-francia-raid-contro-postazioni-in-siria-gia-la-prossima-settimana/2039051/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

RAME, Sergio. *Il console francese in Turchia vendeva barconi agli immigrati*. 2015. Disponível em: <<http://m.ilgiornale.it/news/2015/09/12/il-console-francese-in-turchia-vendeva-barconi-agli-immigrati/1169951/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

REUTERS. *Majority of French people favor sending troops to Syria: poll*. 2015. Disponível em: <<http://www.dailystar.com.lb/News/Middle-East/2015/Sep-13/315042-majority-of-french-people-favor-sending-troops-to-syria-poll.ashx>>. Acesso em: 07 jan. 2019.



SANCHEZ, Dan. *Read This Before the Media Uses a Drowned Refugee Boy to Start Another War*. 2015. Disponível em: <<http://www.informationclearinghouse.info/article42800.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

SYRIA, Truth. *Hillary Clinton: We created Al-Qaeda*. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Dqnobm4E9yw>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

TAWERGHA. *You Wouldn't Want to be Black in the New Libya*. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-jhT5u6ecTQ>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

TODENHÖFER, Jürgen. *Todenhöfer: Interview With Al-Nusra Commander "The Americans stand on our side"*. 2016. Disponível em: <<http://www.moonofalabama.org/2016/09/todenh%C3%B6fer-interview-with-al-nusra-commander-the-americans-stand-on-our-side.html>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

UNITED Nations Office on Genocide Prevention and the Responsibility to Protect (Transnacional). *Responsibility to Protect*. 2005. Disponível em: <<http://www.un.org/en/genocideprevention/about-responsibility-to-protect.html>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

WATCH, Humans Rights. *Illusion of Justice: Human Rights Abuses in US Terrorism Prosecutions*. 2014. Disponível em: <<https://www.hrw.org/report/2014/07/21/illusion-justice/human-rights-abuses-us-terrorism-prosecutions>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

WIKILEAKS. *NEW IRAN AND SYRIA 2.DOC*. [201-]. Disponível em: <<https://wikileaks.org/clinton-emails/emailid/18328#efmADMAFf>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

ZUESSE, Eric. *U.S. Drops Bombs; EU Gets Refugees & Blame. This Is Insane*. 2015. Disponível em: <<http://www.strategic-culture.org/news/2015/09/07/us-drops-bombs-eu-gets-refugees-and-blame-this-is-insane.html>>. Acesso em: 07 jan. 2018.

ZUPI, Marco; MAZZALI, Alberto; HASSAN, Sara. *L'impatto delle primavere arabe sui flussi migratori regionali e verso l'Italia*. 59. ed. Roma: [s.n.], 2012. 39 p. Disponível em: <<http://www.parlamento.it/application/xmanager/projects/parlamento/file/repository/>>



affariinternazionali/osservatorio/approfondimenti/PI0059App.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2019.

Relatórios e livros sobre a intervenção militar na Líbia em 2011

CAMPBELL, Horace. *Global NATO and the Catastrophic Failure in Libya: Lessons for Africa in the Forging of African Unity*. Nova Iorque: Monthly Review Press, 2013, 208 p.

CHIVVIS, Christopher. *Toppling Qaddafi: Libya and the limits of liberal intervention*. [S.l.]: Cambridge University Press, 2014, 268 p.

COMMITTEE, The Foreign Affairs. *Libya: Examination of intervention and collapse and the UK's future policy options*. [S.l.]: House Of Commons, 2016. 53 p. Disponível em: <<https://publications.parliament.uk/pa/cm201617/cmselect/cmfaaff/119/119.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

MCKINNEY, Cynthia. *The illegal war on Libya*. [S.l.]: Clarity Press, 2012, 314 p.

SENSINI, Paolo. *Sowing chaos: Libya in the wake of humanitarian intervention*. [S.l.]: Clarity Press, 2016, 252 p.



Anexo I- Tabela Dados

Principais rotas de imigração em 2015 por terra e mar

Dados por Frontex, *European Border and Coast Guard*

7,892 chegadas de rotas do Mediterrâneo (de Marrocos e Tunísia para Espanha) (janeiro-julho de 2015), com procedência de:

Síria	4,292
Guiné	824
Argélia	547

106,341 chegadas da rota do Mediterrâneo-central (da Líbia para a Sicília) (janeiro-agosto de 2015), com procedência de:

Eritreia	26,573
Nigéria	13,061
África Subsaariana	10,363

228,967 chegadas da rota Mediterrâneo-oriental (da Turquia para a União Europeia através da Grécia, sul da Bulgária e Chipre) (de janeiro a agosto 2015) com procedência de:

Síria	150,831
Afeganistão	48,087
Paquistão	8,658

155,120 chegadas da rota dos Balcãs Ocidentais

Síria	56,306
Afeganistão	41,068
Kosovo	23,416

5,150 chegadas da rota circular da Albânia-Grécia

Albânia	5,117
---------	-------

Apesar do tráfego de barcos, segundo a *European Union Border Agency* (Agência de Fronteiras da União Europeia), uma das principais vias de acesso à EU é através de aeroportos internacionais: a maioria dos imigrantes que residem ilegalmente na Europa está na posse de documentos de viagem válidos e vistos.

Em agosto de 2015, mais de 150,000 refugiados entraram na União Europeia, elevando o número total para mais de meio milhão desde o início do ano, segundo dados divulgados pela EUBA.

Segundo a *United Nations Human Rights Council* (UNHRC), a União Europeia recebeu de janeiro a julho, 437,384 pedidos de asilo. O país com o maior número de pedidos é a Alemanha, com 188,486, seguida da Hungria com 65,415, da Suécia com 33,234, da Itália com 30,223, e da França com 29,832.

O custo de cada viagem por mar ou por terra é cerca de 2,000 dólares USA.



Anexo II - Fotos de Líbios negros perseguidos





The destruction of Libya and the question of migrants and refugees

ABSTRACT: In 2011 a coalition of 40 Western and Arab countries, together with NATO, launched the war against Libya, motivated by interests attributable to neocolonial policies in Africa and in the Middle East, but justified by the defense of the human rights of the Libyan people (UNITED, 2005), supposedly threatened by the Gaddafi regime. Subsequent developments are proving that such threats were overestimated, as international reports and surveys are showing; yet the result is the destruction of a sovereign country, its impoverishment, the war between militias, political and social chaos, and a wave of mass immigration from Libya to Europe. These are both workers from sub-Saharan Africa who, under the Gaddafi regime, lived a good life, with a job, a home, social and health care, and immigrants arriving to Libya from other African states and eventually falling into networks trafficking in human beings managed by Libyan and other Arab militias, local and international mafias. The article analyzes this migratory phenomenon, in relation to the Libyan situation, trying to highlight its causes and purposes and the use and exploitation by European industries, and more generally by the neoliberal capitalist economic system.

KEYWORDS: Migration. War. Colonialism. Human Trafficking Networks.

Angela LANO

Jornalista, escritora, historiadora do mundo árabe-islâmico e doutoranda no programa de Estudos Étnicos e Africanos da UFBA. O título da tese: “O radicalismo islâmico e as agendas geopolíticas ocidentais: alianças e conflitos no caso da Líbia, da revolta contra Gaddafi aos dias atuais”. Atualmente está realizando a pesquisa de doutorado na SOAS – School of African and Oriental Studies, em Londres, com uma bolsa sanduíche de seis meses financiada pela CAPES.